

Lincoln de Abreu Penna

O Cabo, o Capitão e o Capital

Um exercício de história comparada

LETRACAPITAL

Copyright © Lincoln de Abreu Penna, 2020

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610,
de 19/02/1998.*

*Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida,
sejam quais forem os meios empregados, sem a autorização
prévia e expressa do autor.*

EDITOR: João Baptista Pinto

CAPA: Luiz Guimarães

PROJETO GRÁFICO / EDITORAÇÃO: Luiz Guimarães

REVISÃO: Do autor

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P459c

Penna, Lincoln de Abreu

O cabo, o capitão e o capital [recurso eletrônico] / Lincoln de Abreu
Penna. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2020.
recurso digital; 10 MB

Formato: ebook

Requisitos do sistema:

Modo de acesso: world wide web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-990166-8-4 (recurso eletrônico)

1. Alemanha - Política e governo - História - 1933-1945. 2. Brasil - Política e
governo - História - Séc. XXI. 3. Livros eletrônicos. I. Título.

20-64493

CDD: 320.943081

CDU: 32(430+81)

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

LETRA CAPITAL EDITORA
Tels.: (21) 3553-2236 / 2215-3781
vendas@letracapital.com.br
www.letracapital.com.br

Lincoln de Abreu Penna

O CABO, O CAPITÃO E O CAPITAL
Um exercício de história comparada

LETRACAPITAL

Sumário

Apresentação.....	7
“A democracia é uma piada.”	13
“O grande erro foi torturar e não matar.”	19
“Que tremendo sujeito, esse Hitler.”	29
“Destruir o marxismo. Esta é a minha tarefa e vou alcançá-la”.....	36
Alianças diante do “Eterno Retorno”.....	47
“A escolha de Hitler foi recebida com satisfação.” ..	59
O fascismo como fenômeno político.....	73
Desilusão das massas e democracia ferida	88
Considerações Finais. O Que Fazer?.....	104
Referências bibliográficas	107

Apresentação

Adolf Hitler e Jair Messias Bolsonaro a princípio não têm nada em comum, salvo uma trajetória política embalada pela intolerância. Se esse embalo gerou o regime nazista, o que se pode esperar de um governo truculento, movido pelo ódio e que chegou à presidência para combater a quem julga comunista e aos que prezam verdadeiramente a democracia. Tudo movido exclusivamente pela intolerância.

Este ensaio tem por objetivo examinar algumas coincidências entre dois personagens destacados da vida política na Alemanha dos tempos da ascensão nazista e no Brasil dos tempos atuais. Parte do pressuposto segundo o qual esses personagens são subprodutos de um sistema político amparado por interesses das classes dominantes representativas do capitalismo em suas diferentes fases de crises crônicas. Ao centrar na análise de desempenho de duas figuras aparentemente caricatas de Adolf Hitler e Jair Messias Bolsonaro mascara-se o caráter essencial de suas aparições nos cenários políticos da Alemanha dos anos de 1930 e no Brasil do fim da segunda década do atual século. São dados de realidades distintas, mas em ambos os casos tais personagens cumpriram o papel que a eles foram circunstancialmente reservados.

Essa análise comparativa não tem propriamente a ver com a questão específica do regime nazifascista e sua eventual reedição no Brasil atual, senão como elos de uma cadeia que se encontra vinculada às questões da dinâmica do sistema capitalista. Daí, o título a

reunir as ditas figuras de acordo com suas patentes de origem e a própria natureza do capitalismo na atualidade. Para tanto, num primeiro momento procurou-se estabelecer o paralelo entre essas figuras para em seguida procurar relacionar certas mudanças comportamentais das sociedades contemporâneas em face dos motivos pelos quais ambas figuras se projetaram no cenário político de seus países.

De início focaliza-se suas trajetórias, cujo papel de liderança lastreada numa inusitada e surpreendente atuação os fez chegarem ao exercício do poder político. Ambos cresceram embalados na atitude contra o legado deixado por seus antecessores. O traço mais comum que os une é a intolerância, matriz fundamental para a rejeição da política, e do estabelecimento de um canal direto com a população descrente dos políticos e das instituições políticas. Essa relação inorgânica com as massas desassistidas e entregues à descrença generalizada foi sendo cultivada com todos os requintes de sedução.

O fato de terem surgido nos meios militares em suas origens, e de patentes subalternas, uma de simples praça e o outro de um início de carreira no oficialato, explicaria pouco não fosse o uso dessas origens no curso de suas vidas. Souberam de alguma forma usar a condição desse passado de engajamento nas forças armadas para empreenderem seus projetos pessoais de poder. O cabo de maneira ardilosa e estudada, o capitão surfando numa onda na qual só teve a seu favor o discurso do contra, sem que soubesse de que maneira poderia mudar a situação. Num primeiro momento era precisamente isso que a população queria.

O presente texto recorre ao que se convencionou chamar de história comparada¹, sem que o uso desse conceito seja impecavelmente aplicado a essas linhas de reflexão. Entende a história comparada como um estudo que trabalha na perspectiva de uma combinação de situações conjunturais naturalmente distintas, mas que podem produzir análises que venham eventualmente a enriquecer o conhecimento de fatos, personagens, ou situações históricas que tenham elementos comuns. Creio que no caso em tela é possível se cogitar dessa linha interpretativa, com todos os reparos e o cuidado de não a banalizar, até porque toda comparação histórica é sempre uma proposta de alto risco considerando, entre outras coisas, o emprego de linguagens e cenários às vezes tão diversos.

Sendo esse ensaio de história comparada, cujo maior desafio está em trabalhar conjunturas temporais distintas, além de situar os protagonistas, no caso em tela, em suas respectivas ambivalências existenciais, está claro que alternaremos episódios e momentos relativos aos dois protagonistas desses fatos. A distância de quase um século a separar os dois momentos históricos e as culturas políticas envolvidas impõe um tratamento preliminar, razão pela qual situa inicialmente os dois panoramas que abrigaram os atores dessa narrativa. No entanto, nesse pano de fundo há o desenrolar não só de fatos históricos que interferiram nesse processo, mas fundamentalmente as características assumidas pelo desenvolvimento

¹ Trata-se de uma vertente historiográfica que consiste examinar duas ou mais situações históricas, ao invés de pesquisar uma única realidade de no tempo e no espaço.

desigual do capitalismo, como se terá oportunidade de ser salientado no curso dessa narrativa.

As semelhanças e dissemelhanças fazem parte de todo cardápio analítico tendo em vista o objetivo de desenvolver estudos comparativos. Além de se enfrentar as características distintas de culturas políticas muito desiguais embasadas em histórias igualmente muito específicas, esses estudos enfrentam o desafio de se lidar com conceitos nem sempre próprios para retratarem essas situações sujeitas a comparações. No caso específico do conceito de fascismo, tomado como referência mais ampla para designar o próprio nazifascismo, sua utilização requer cuidado. Todavia, o pano de fundo que antecedeu a emergência de experiências de viés autoritário fica por conta do alto grau alcançado pela intolerância seguida de insegurança desencadeadoras do ódio aos desiguais, não importa de que maneira são estes considerados.

Essas situações que conduzem aos regimes tendencialmente antidemocráticos desde o início a evoluir paulatinamente para patamares mais restritivos e violentos têm necessariamente figuras que os protagonizam. Por essa razão ao centrarmos parte desse ensaio nas suas personificações em Hitler e em Bolsonaro não estamos atribuindo aos dois um papel absoluto na configuração de suas respectivas representações como lideranças políticas. Os próprios governos que os projetou lançaram mão dessas individualidades para se tornarem palatáveis ao contingente de indivíduos desiludidos e dispostos a apostarem no histrionismo suficientemente convincente para dar-lhes a relevância, que a rigor não tinham ou não possuíam.

As trajetórias de ambos é a prova cabal de que tanto o cabo da Grande Guerra, como o capitão de um movimento corporativo fora da curva e que tinha tudo para ser o encerramento precoce – como foi, aliás – de sua carreira, transformada em representante da baixa oficialidade do exército no parlamento demonstram e têm demonstrado que para o exercício desse papel de salvadores da pátria aparentemente falida não precisa ser um grande líder. Basta uma caricatura a serviço de um sistema em ruína e incapaz de se reerguer senão através de caricatas figuras a serviço de um reordenamento que atenda a interesses não transparentes para as grandes massas. Resignadas se submetem a decisões de títeres com ares de resolutos curadores dos males que afligem o povo.

Este ensaio começa com a apresentação dos figurantes de uma arquitetura dos sistemas em seu estágio de rápida exaustão para que se possa entender as razões do desespero de cidadãos minimamente atentos à vida política, mas que diante de mazelas acumuladas foram empurrados para o ralo da desesperança. E quando essa situação emerge com a força de uma tragédia tantas vezes repetida, especialmente no caso brasileiro, ela se destaca como farsa das farsas, em virtude de voltar-se para experiências malsucedidas que, no entanto, lhes parecem ainda assim necessárias. Para alguns mais diretos parece que a expressão *às favas, senhor presidente, com os escrúpulos de consciência*, pronunciada quando o ministro Jarbas Passarinho assim a pronunciou por ocasião da reunião convocada pelo presidente Costa e Silva, no instante em que consultava os seus ministros de estado com vistas à edição do A.I-5, voltou a ser uma vez mais evocada na prática.

